

ROBERTA MALU POLETTE

3580

**O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO DO
VIVIDO, A PARTIR DE ATIVIDADES DE
VOLTEIO**

CAMPINAS, SP

1997

ROBERTA MALU POLETTE

**O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO DO
VIVIDO, A PARTIR DE ATIVIDADES DE
VOLTEIO**

**Trabalho de conclusão de curso,
apresentado como exigência parcial
para obtenção da graduação em Pedagogia
Habilitação “Formação de Professores de
Deficientes Mentais” da Faculdade de Educação,
da Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação da Prof. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan.**

CAMPINAS, SP

1997

UNIDADE.....	FC
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	P758p
V.....	
TOMOS	064
PRCC	24/2003
C.....	P.X
PREÇO:	11,00
DATA:	30/10/03
Nº CPD:	Pub id 3 1060<

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

P758p

Polette, Roberta Malu

O processo de representação do vivido, a partir de atividades de equitação e volteio / Roberta Malu Polette . - Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Maria Tereza Eglér Mantoan.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Rogers, Carl R. (Ransom), 1902- . 2. Piaget, Jean, 1896-1980. 3. Desenho infantil - Aspectos sociais. 4. Psicoterapia. 5. Equitação. I. Freitas, Luiz Carlos de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado às pessoas que precisam se conscientizar de que os indivíduos ditos "normais ou anormais" são acima de tudo Seres Humanos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, e em especial aos meus pais, Renato e Neide, aos meus irmãos Renata e Rodolfo e aos meus avós João e Maria, João e Lucília, (in memoriam), que sempre estiveram presentes em meus momentos de alegria e de angústia, rumo à minha formação acadêmica; às minhas amigas, Fernanda, Valéria e Gabriela, que conviveram comigo esse tempo, presenciando todos os passos de elaboração deste trabalho.

Agradeço também aos meus mestres, especialmente à professora Eglér, que me ajudou e me orientou na realização deste

projeto, e à instrutora de Equitação e Volteio, Mirja, que me aceitou como estagiária em seu trabalho de Equoterapia.

Às crianças do projeto: Adalto, Lucas, Douglas, Maciel, Maciana, Juninho, Ariadne, Patrícia, Cindy, Daniel, Júlio e Isac, que me ajudaram a entender que, cada um de nós há limitações mas potencialidades, as quais trabalhadas, se desenvolvem e crescem, nos propiciando melhores condições para enfrentarmos os obstáculos da vida.

Meus agradecimentos a todos, e acima de tudo a Deus, que sempre me acompanhou.

“(...) Trabalhar tentando criar uma escola alegre, feliz e risonha, ao mesmo tempo que rigorosa.

Uma escola crítica, da pergunta, contra a imobilidade. O Brasil precisa enormemente dar passos no sentido do desenvolvimento.(...)

Temos que propôr aos meninos e meninas que aproveitem a curiosidade natural das crianças e aguçá-las.(...) O que quero é tratar a escola em suas várias dimensões artística, científica, etc. Precisamos ter uma burocracia mínima que viabilize a reflexão.(...) Para nós a escola é um lugar vivíssimo. Ela é um espaço de contentamento e saber!”

PAULO FREIRE

Sumário

1. Apresentação	pág.09
2. O Que é Volteio?	pág.12
3. Quem São Essas Crianças?	pág.23
4. O Montar Pelo Montar: Simplesmente o Melhor	pág.31
5. O Montar Como Atividade Motora e Reflexão Intelectual ..	pág.37
Considerações Finais	pág.47
Referências Bibliográficas	pág.53
Anexos	pág. 54

1. APRESENTAÇÃO

Este estudo é o resultado de uma intervenção pedagógica realizada com um grupo de doze crianças carentes do município de Barão Geraldo, que frequentam a instituição Pró-Menor, durante o período em que não estão na escola. Trata-se de um trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação-Unicamp, iniciado no 1º semestre de 1996, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan.

Estas crianças participam de um projeto de intervenção educacional e terapêutica, no qual é utilizado a equitação como meio de trabalhar os problemas comportamentais das mesmas.

O projeto refere-se a elaboração de um método que visa a aprendizagem pelo volteio, ao invés de o volteio em si, no qual existe um relacionamento constante e recíproco dos elementos de informação que se transmite às crianças com os esquemas motores que elas explicitam durante as sessões.

Neste sentido, este estudo tem como objetivo “criar uma aprendizagem que visa desenvolver na criança a capacidade de perceber, distinguir e expressar-se” (Weller, 1996). Significa pôr em prática a visão holística de ser humano, enfatizando o desenvolvimento bio-psico-social dos sujeitos que participam das aulas de volteio.

O encaminhamento dessas crianças para o projeto é feito pela Pró-Menor, levando-se em conta alguns critérios de seleção, como por exemplo, falta de sociabilidade, agressividade, respeito aos limites, entre outros, que serão explicitados nos próximos capítulos deste trabalho.

A partir deste projeto , observamos o comportamento das crianças frente as atividades relacionadas com a representação da experiência vivida, em sessões de volteio.

Constatamos que todos os sujeitos com os quais trabalhamos apresentavam dificuldades na expressão verbal e escrita e que se interessavam vivamente pelo que realizavam nas aulas de volteio.

Verificamos que lidar com o cavalo era um forte apelo para que essas crianças buscassem uma maneira de se expressar, comunicando o que viviam nestes momentos.

Nossa proposta de trabalho tinha como intenção ampliar o projeto de elaboração de um método adequado de volteio, incluindo um aspecto educativo às sessões, que se destinava a atender as dificuldades dos sujeitos acima citadas.

Como atividade motora, o volteio possibilita aos participantes uma situação vivida muito envolvente e aproveitamos dela para que os sujeitos passassem a refletir sobre o que realizavam em cima de e com o cavalo, sozinhos ou em duplas.

As atividades do volteio propiciam a elaboração de idéias, a organização temporal das experiências vividas, a expressão de sentimentos, a construção de conhecimentos, através de uma educação não-formal, institucionalizada, imposta e homogênea.

O volteio e outras maneiras de montar insequram às crianças a compreensão de suas ações prévias sobre o cavalo. Mas estas experiências tiveram mais sentido para o grupo quando foram retomadas ao nível simbólico, através de desenhos e descrições orais referentes às vivências com os cavalos.

Baseamo-nos na concepção de aprendizagem de Rogers. Para este autor o aprender ocorre pelo interesse de quem quer aprender alguma coisa e só tem valor, quando o sujeito da aprendizagem se transforma, por meio dela e consequrentemente, progride e busca novas experiências.

A motivação que essas crianças demonstravam de fazer um voltêio, de conseguirem ultrapassar os desafios propostos pelos instrutores de equitação, foi decisivo para que elas aprendessem a fazer evoluções sobre o cavalo. O significado dessas ações propiciou-lhes representá-las de modo a transmitir o mais realisticamente o vivido.

2. O QUE É VOLTEIO?

O programa de volteio desenvolvido com as crianças em estudo, fundamenta-se principalmente nas experiências obtidas na Alemanha em uma das linhas da experiência terapêutica.

O volteio consiste em exercícios sobre o cavalo, referentes a ginástica olímpica. Trabalha-se com o animal na guia, sendo adestrado para atender a voz e ser conduzido pelo *longeur* (instrutora), enquanto as crianças realizam os movimentos sobre ele, individualmente, ou em duplas ou em trios; sem utilizarem sela e sem passarem comandos para o cavalo. Na modalidade eqüestre de Volteio, é usada uma manta e um cilião com duas alças para as crianças segurá-las.

O Heilpädagogisches Reiten und Voltigieren se fundou na Europa nos anos 60. Pedagogos desta época começaram a realizar essa atividade de maneira empírica, trabalhando com crianças problemáticas. Mas, com o passar do tempo, motivados pelos resultados dessa terapia, começaram a elaborar uma didática e um método para pesquisar esses resultados.

Na Suíça, foram especialmente duas mulheres que começaram com este trabalho, Marianne Gäng e Hildegard Camenzind. Na Alemanha, a iniciativa de publicar este trabalho foi a de Antonius Kröger, em 1969.

No início do trabalho terapêutico, o cavalo era utilizado de forma intuitiva, em orfanatos e psiquiatrias e o termo "terapêutico" não era bem definido.

Foi em 1977, num Simpósio, onde se encontraram profissionais das áreas de Medicina, Psicologia, Pedagogia,

Hipologia, assim como os profissionais dos orfanatos e escolas especiais, que se deu a sistematização, definição, coordenação e intensificação das atividades envolvidas no processo terapêutico.

Hoje, entende-se com o termo Heilpädagogisches Reiten und Voltigieren, todos os trabalhos envolvendo o cavalo e que visam atingir objetivos pedagógicos, psicológicos, psicoterapêuticos e sócio-integrativos.

No Brasil, o termo Equoterapia foi desenvolvido no ano de 1989, pela Associação Nacional de Equoterapia, na cidade de Brasília; a equoterapia abrange todos os trabalhos terapêuticos que incluem uma equipe interdisciplinar e a utilização do cavalo como meio terapêutico. No entanto, diversos projetos de Equoterapia desenvolvidos neste país, não têm especialização em linhas terapêuticas específicas. Constituem trabalhos híbridos, implicando as três linhas existentes.

Já na Alemanha, os profissionais que trabalham com Equoterapia, seguem uma das três linhas de equitação terapêutica, a saber, a Hipoterapia (Hippotherapie), Equitação Adaptada (Reiten als Sport für Behinderte) e Equitação e Volteio com fins educacionais e terapêuticos (Heilpädagogisches Reiten und Voltigieren), especializando-se em uma delas.

A Hipoterapia atende pessoas deficientes físicas, sendo um tipo de fisioterapia, em que o paciente não monta de verdade, pois o cavalo é guiado por uma outra pessoa. Já na Equitação Adaptada o paciente é um praticante, que alcançou uma certa independência sobre o cavalo e o conduz sozinho.

Para crianças, adolescentes e adultos que apresentam problemas comportamentais, pacientes de psiquiatrias e pessoas deficientes mentais, se indica o trabalho de Equitação e Volteio com fins pedagógicos.

As atividades que os sujeitos realizam no Volteio, possibilitam-lhes a socialização, o equilíbrio, a cooperação, a motivação, a confiança, a auto valorização, a concentração. É por

meio do cavalo, que os sujeitos percebem o quanto este é interessante para a realização das atividades, no sentido de ajudá-los na construção e aceitação dos padrões dos comportamentos sociais perante o grupo em que estão inseridos.

No projeto de equoterapia que desenvolvemos, trabalhamos um grupo de doze crianças, divididas em duas turmas de seis, ambas uma vez por semana, no período da manhã e da tarde. Para a realização do volteio é essencial que o número de participantes seja de seis pessoas, possibilitando o trabalho em conjunto, em duplas ou em trios ao mesmo tempo sobre o cavalo. Este número possibilita aos cavaleiros realizar as atividades sem ter de esperar muito tempo para a sua vez de montar.

As crianças ao chegarem no Haras, participam da preparação do animal, levando-o até a pista. Enquanto a instrutora de equitação trabalha os comandos com o cavalo aquecendo-o, as crianças também se aquecem correndo junto com o animal, fazendo alongamentos, respiração, para que seus membros fiquem relaxados para o início das atividades.



Crianças ajudam a instrutora na preparação do animal

Depois disso, a instrutora chama-as, uma de cada vez, para correrem ao lado do cavalo ao passo, segurando o cilião do animal. Esse primeiro contato com o cavalo, pretende mostrar à criança qual o ritmo que aquele se encontra na andadura passo; pois elas não conseguem distinguir um ritmo do outro, dificultando

o próprio equilíbrio sobre o cavalo. Essa mesma atividade ocorre na andadura trote e galope, muito confundidas pelas crianças.



DOU andando ao lado do cavalo ao passo

Após todas as crianças participarem dessa atividade, cada uma, sozinha sobre o cavalo, realiza outras atividades aleatórias ou aquelas passadas pela instrutora, nos diferentes ritmos que o animal se apresenta: parado, ao passo, ao trote e ao galope.



CIN sobre o cavalo na andadura passo



DOU sobre o cavalo na andadura trote



ADA sobre o cavalo na andadura galope

Essas atividades consistem em: deitar o corpo pra frente e para trás, no intuito de sentir o dorso do animal e conseqüentemente o seu movimento. Neste momento, a criança se sente segura sobre o animal, confiando nele, pois este não a deixou cair no chão. Esse movimento é muito difícil, pois exige da criança uma total confiança com relação ao cavalo.



PAT deitada sobre o cavalo ao passo

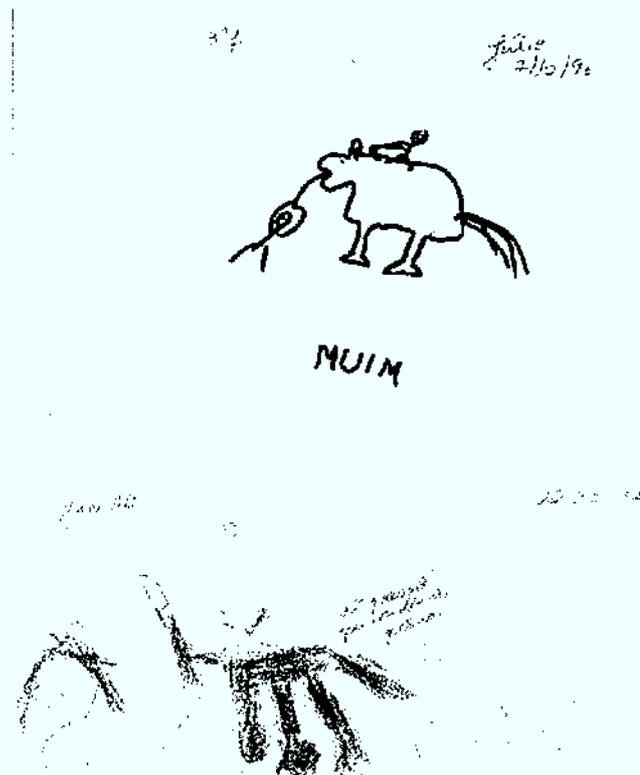
Handwritten text, possibly a signature or date, is visible but illegible.

Handwritten text, possibly a signature or date, is visible but illegible.

Outra atividade é a de passar uma perna para um lado e a outra para o outro, trabalhando-se assim a questão da lateralidade, nesse caso a noção de direito e esquerdo. Ou então, o moinho, que consiste na transposição alternada de uma das pernas, girando o corpo sobre o cavalo.



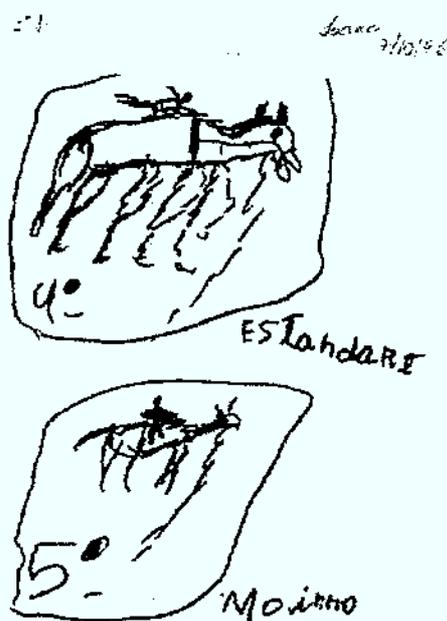
DOU fazendo moinho sobre o cavalo ao passo



Outro movimento realizado pelas crianças é o estandarte, onde o sujeito sobre o cavalo, segura com uma das mãos o cilião, esticando a outra para frente, juntamente com a perna do lado oposto. A criança precisa se concentrar, olhando num ponto para se manter em equilíbrio e sintonizar-se com o movimento do animal, para depois poder se sintonizar com mais facilidade com os outros participantes do grupo. Objetivamos assim, uma experiência prazerosa do "estar sintonizado" e uma tomada de consciência disto.

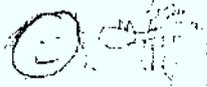


CIN realizando meio moinho com o cavalo ao passo, isto é, estica uma perna segurando o cilião com as duas mãos.

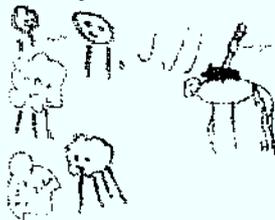


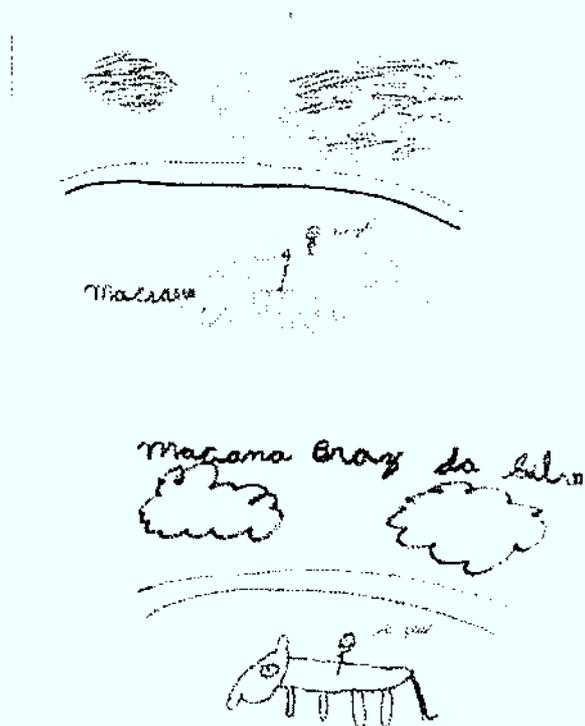
Ficar de joelhos e em pé, também são atividades que exigem das crianças a concentração, para que dominem o cavalo e vice-versa. Neste caso, a disposição do cavalo de trabalhar com as crianças, de carregá-las, é sentido como mostra de aceitação e de afeto, como também a disposição do cavalo em ser ajudado por elas, quando é guiado. A hora de dar banho no cavalo, também é um momento de aceitação e de agradecimento ao animal, pela disponibilidade deste em carregar as crianças. Esta atividade não foi muito explorada pela instrutora, devido a falta de tempo após o término das sessões, e só foi percebida como algo importante para as crianças, quando por meio de entrevistas, elas e principalmente os funcionários da Pró-Menor, nos relataram a satisfação que tinham as crianças de dar banho nos animais.

mael

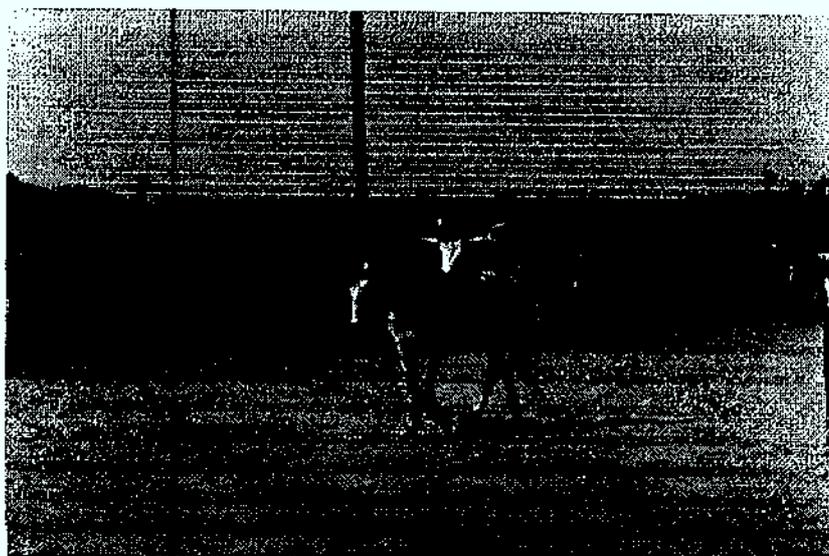


LUCAS





Todas as atividades também podem ser realizadas em duplas ou trios de crianças. Um momento muito importante das duplas e trios é quando as crianças, planejam a mudança dos lugares sobre o cavalo. Essa mudança requer dos sujeitos o planejamento de estratégias verbalizadas oralmente, no qual é necessário um pensamento lógico para a concretude das mesmas e um possível resultado satisfatório, o contato físico, a aceitação das opiniões alheias e a ajuda mútua para ocorrer a troca dos lugares.

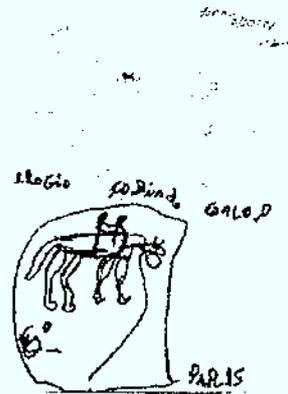


PAT e CIN sobre o cavalo ao trote, com as mãos soltas do cilião

2/10/14

2/10/14

JUN
PARIS



Sendo assim, o cavalo é um importante apelo para o contato físico e a comunicação entre as crianças, ajudando no crescimento e desenvolvimento psicológico e físico destas, que necessitam tanto de ajuda terapêutica, no sentido pleno da palavra (equilíbrio, movimentos, etc.), como emocional.

3. QUEM SÃO ESSAS CRIANÇAS?

Achamos válido apresentar aos leitores as características básicas do grupo, para uma melhor compreensão do que a proposta de trabalho visou com o mesmo.

As crianças envolvidas neste projeto são oriundas de famílias desorganizadas, carentes, tanto do ponto de vista sócio-econômico, como afetivo.

A faixa etária dos sujeitos é de 6 a 14 anos. Os que atingem a idade máxima não participam mais das sessões, sendo substituídos por outras crianças encaminhadas pelos profissionais da Pró-Menor.

As crianças desse estudo estão matriculadas em escolas estaduais da periferia de Campinas (mais precisamente de Barão Geraldo) e freqüentam a Pró-Menor, em Barão Geraldo, durante o período em que não estão na escola.

Os profissionais dessa instituição nos forneceram, por meio de entrevistas informais, os critérios de seleção para o encaminhamento das crianças às sessões equoterápicas. Os problemas de nossos sujeitos implicam em dificuldades de atenção, concentração por um tempo maior, respeito aos limites, ou seja, ao que pertence a si mesmo e a outrem, falta de sociabilidade e agressividade.

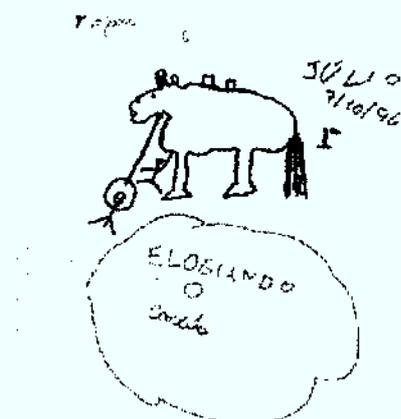
Percebemos durante as primeiras sessões equoterápicas, que essas crianças ao chegarem no Haras, não se interessavam pelas atividades nem pelo cavalo. É claro que o ambiente físico estimulava-as a conhecerem o diferente, o desconhecido. Elas corriam por todo lado em busca do novo e para que não se dispersassem muito, tentávamos, por meio do animal, entretê-las, incentivando-as a colocarem no cavalo seus

apretechos essenciais: cabeçada, manta, cilião e outros, para iniciar às sessões.

No volteio não se utiliza a sela, e no lugar desta coloca-se o cilião. Este consiste num tipo de “barrigueira” com duas alças para a criança segurá-las, no intuito de proporcioná-las movimentos mais livres e espontâneos sobre o cavalo, algo que não seria possível com a sela e conseqüentemente o estribo, onde se coloca os pés.

Neste caso, as crianças interagem com o cavalo: escovavam-no, elogiavam-no, colocavam-lhe o cilião, a manta e levavam-no até a pista. Mas, essa alternativa não foi suficiente para que elas se concentrassem de modo a participarem coletivamente da preparação do animal.

As crianças interagindo com o cavalo.



A atividade de preparação do cavalo para montar, mostrou-nos que havia um fator muito forte no comportamento das crianças, a competitividade, principalmente no momento em que uma delas conseguia levar o cavalo até a pista.

O fato de levá-lo até a pista significava para a criança que o conseguia, uma sensação de poder, de saber fazer sem ser instruído, sem ser “mandado”. Isso gerava nas outras crianças que não conseguiam o mesmo agressividade, rebeldia e aversão às atividades, não querendo realizá-las.

Deste modo, estabelecemos que, em cada sessão, uma criança iria conduzir o animal, sendo que todas deveriam estar presentes no momento de sua preparação.

Nesse sentido, todas participariam do processo de "condolências"¹ ao animal, ajudando umas as outras, de forma a cooperarem e de respeitarem aquele e a si mesmas.



Momento de preparação do animal

Verificávamos que as crianças não tinham noção do que era ser ajudado ou ajudar alguém e de que as atividades de volteio não eram provas de competição e principalmente de não aceitarem a si e aos outros, em seus limites e capacidades.

O tempo todo, as crianças tinham que mostrar ao grupo o quanto eram eficientes sobre o cavalo, domando-o e realizando as atividades propostas pela instrutora de modo eficaz e desafiando o perigo.

"Descobri que posso ser muito eficaz, quando posso ouvir a mim mesmo, aceitando-me e quando posso ser eu mesmo". Essa citação de Rogers (1902-p.29) mostra que compreender uma pessoa exige uma mudança do nosso próprio eu, e isto é um risco, pois ninguém quer mudar, quer se transformar, por mais que seja necessário para tal, por mais que se veja no outro.

¹ Refere-se à preparação do cavalo antes de conduzi-lo à pista. As crianças cumprimentam-no, passando às mãos em seu dorso, pernas e cabeça. Esse contato com o animal, faz com que às crianças sintam-se seguras e confiantes em montá-lo.

Achamos necessário neste momento, apresentarmos o histórico dos sujeitos participantes deste projeto de equoterapia, para um melhor entendimento de suas características mais marcantes e constatamos que estas estavam relacionadas ao modo de vida familiar e problemas econômicos e culturais dos sujeitos.

Segundo dados da Pró-Menor, estes sujeitos apresentavam o perfil que segue.

1. Ada.

Data de nascimento: 15.03.88

tem 3 irmãos e cursa a 1º série do 1º grau. Seu comportamento é agressivo, trata-se de uma pessoa irritável.

HISTÓRICO FAMILIAR: Tem um irmão e uma irmã mais velhos; os pais vivem atualmente em crise conjugal, principalmente porque o pai começou beber. Este era uma pessoa muito gentil, tornando-se depois da bebida ciumento e agressivo, batendo na esposa e nos filhos. Aceitou começar um tratamento. A mãe é descrita como uma pessoa fechada e tímida, trabalha como empregada doméstica. A família mora na favela do Real Parque, mas a casa é de tijolos e de bom nível.

ESCOLA: Repetiu o primeiro ano, apesar de faltar pouco. Na escola os professores se queixavam da bagunça, seu companheiro é Do. uma criança que frequenta o projeto de Equitação e Volteio.

PRÓ-MENOR: É tido como um “bebezão”, muito infantil, e não briga muito com as outras crianças. Consegue brincar sozinho, especialmente com o LEGO, por horas. Conversa pouco e as pessoas têm que instigá-lo para tal. Está deixando a companhia do Dan., trocando-a pela do Dou. Foi encaminhado à atividade Equoterápica, porque ficou nos últimos tempos mais agressivo,

enfrentando os profissionais, uma vez que o alcoolismo do pai está afetando-o muito.

2. Dou.

Data de nascimento: 15.04.87

HISTÓRICO FAMILIAR: Do. tem dois irmãos mais velhos, que também freqüentam a Pró-Menor. A mãe teve problemas nervosos e já tomou calmantes, e está péssima atualmente. O pai é pedreiro, está construindo uma casa. Este está passando por uma fase muito ruim, ficando muito violento.

ESCOLA: Passou de ano da 1° série para a 2°, gosta da escola como o seu irmão Dan., não falta às aulas e faz o dever de casa, a mãe incentiva-o bastante. Foi encaminhado para a classe especial.

PRÓ-MENOR: Tem problema de fala, cuja causa ainda não foi examinada.

Foi encaminhado à atividade Equoterápica, porque é muito briguento, enfrenta a todos e tem sempre a última palavra. É amigo de Ada. e gosta dos mesmos brinquedos deste, é muito carinhoso e confia nas pessoas.

3. Luc.

Data de nascimento: 04.04.88

Tem 3 irmãos adultos, 18, 22 e 23 anos.

HISTÓRICO FAMILIAR: Não tem pai, mora no Real Parque com a mãe e esta procurou a Pró-Menor.

ESCOLA: Cursou a 1° série no ano de 1996 e foi encaminhado para a classe especial no ano seguinte, 1997.

PRÓ-MENOR: Apresenta algum distúrbio comportamental e é muito quieto.

4. Macia.

Data de nascimento: 30.11.88

Tem dois irmãos, um mais velho, que também frequenta a Pró-Menor, e o outro mais novo que ela.

HISTÓRICO FAMILIAR: A família é de Paraíba e no momento moram no Real Parque. A mãe é empregada doméstica e bastante apática, o pai é pedreiro.

ESCOLA: Está na 2º série.

PRÓ-MENOR: Demonstra medo perante algo desconhecido.

5. Mac.

Data de nascimento: não tivemos acesso a data completa, só o ano, 1987.

Tem dois irmãos, um desses é Macia. que também frequenta a Pró-Menor, e o outro é o caçula.

HISTÓRICO FAMILIAR: Idem ao histórico de Macia., pois são irmãos.

ESCOLA: não tivemos acesso a nenhum dado escolar.

PRÓ-MENOR: Sempre que está andando, cai várias vezes, talvez por ser obeso.

No entanto, nas sessões equoterápicas, não verificamos nenhum tombo enquanto caminhava.

6. Jun.

Data de nascimento: 21.09.86

Tem dois irmãos, sendo que um deles já participou da equoterapia.

HISTÓRICO FAMILIAR: A irmã mais nova é filha de outro pai e freqüenta uma creche. Os pais vivem separados, no entanto, o pai tem um bom relacionamento com a ex-mulher e esta pretende morar com o seu novo namorado.

ESCOLA: Freqüenta a 3° série e está muito bem.

PRÓ-MENOR: É uma criança tranqüila

Sendo assim, a descoberta individual de pertinência a uma sociedade dá-se através do reconhecimento do outro, aceitando-o em sua diversidade, capacidade, limitações, no plano da cultura e das regras; enfim, das relações sociais, familiares.

Tendo em vista a importância das relações sociais e familiares para a construção das identidades, a ausência de ambos os pais, a fim de se obter as condições necessárias para a sobrevivência familiar, limita à possibilidade de cuidados, supervisão e estímulos às crianças, principalmente nas classes mais baixas, desfavorecendo o desenvolvimento psicossocial e cultural destas.

A quebra dos laços familiares e comunitários, desencadeia um processo capaz de comprometer a própria identidade. Segundo Nakamura (1996) "em termos culturais, a limitação à integração social é um fator problemático"(p.53), pois para ela necessitamos de outros para o nosso reconhecimento e

nossa aceitação no grupo; ou seja, para a constituição dos vínculos sociais que direcionam as nossas experiências.

A maneira como os indivíduos interagem com o social não se limita apenas à interação de cada um ao meio, mas sim à maneira pela qual cada um de nós compartilha as experiências, dentro de um mesmo contexto sócio-econômico, ambiental e cultural, estabelecendo relações, tornando-nos indivíduos sociais, agindo segundo regras, padrões e valores aceitos pelo grupo. Isso não acontecendo, ocorre-se a inadaptação individual aos critérios da sociabilidade.

4. O MONTAR PELO MONTAR: SIMPLEMENTE O MELHOR

No 1º semestre da realização das observações em campo, verificamos que os sujeitos participantes desse projeto, em especial os meninos, chegavam no Haras como se conhecessem cavalos há muito tempo e soubessem montá-los e domá-los como verdadeiros cavaleiros.

A impressão que eles nos passavam era de que se tratavam de homens “machões”, autoritários, que numa simples ordem (no caso, um chute ou um grito com o cavalo) dominariam e domesticariam os animais, como heróis fantasiosos.

Para que o leitor compreenda os por quês destes comportamentos, faz-se necessário uma retomada breve de como se deu o início do projeto do volteio com essas crianças.

A instrutora começou a desenvolver este trabalho no rancho do Sr. Nico, localizado no mesmo bairro onde as crianças moram. Nesta época, a instrutora trabalhava exclusivamente a equitação, pelo fato de ter 3 cavalos a disposição, duas crianças tinham que dividir um cavalo; tentando reproduzir as atividades de equitação observadas na Alemanha: uma criança puxa o cavalo e a outra criança fica em cima, com um certo percurso a ser percorrido ou uma tarefa a ser realizada. Depois de um determinado tempo, as crianças trocam de lugar mudando os papéis.

No entanto, os meninos não aceitavam tal atividade pelo fato de não dominarem o cavalo “de verdade”, pois o colega estava segurando a rédea.

Desta forma, o trabalho de equitação foi suspenso, pois esta situação estava sendo prejudicial aos animais, pois estavam sendo mal tratados pelas crianças.

Foi a partir deste quadro situacional e pelo fato da mudança de Haras, no qual havia somente um cavalo a disposição, que iniciou-se o Volteio.

O fato das crianças não terem um referencial pré-estabelecido sobre o que estava tentando ser trabalhado no Volteio e quais seriam as contribuições que esta atividade poderia lhes oferecer, fortaleceu a não aceitação e o desinteresse perante a nova atividade.

Além disso, as crianças traziam consigo a imagem do "peão", ou seja, de uma pessoa corajosa que monta nos bois e cavalos durante os rodeios, domando-os e dominando-os. Esta imagem está vinculada à cultura e ao modo de vida social que essas crianças têm nas favelas onde moram, localizadas num bairro pobre de Barão Geraldo em fase de urbanização de forma não planejada, ainda com características de uma área rural, que oferece festas de rodeio e a religião crente.

A referência que as crianças participantes do projeto tinham sobre as atividades de Volteio, estava relacionada a este quadro e por esse motivo elas não se sentiam motivadas para realizarem o trabalho do volteio.

Como esta impressão estava muito presente, decidimos mostrar a eles quem era o cavalo, o que ele sentia, do que gostava, ou não. Enfim, tentamos extinguir essa relação de agressividade, de desinteresse perante o animal.

Por meio de uma entrevista informal, realizada na Pró-Menor, no dia 24-04-96, perguntamos às crianças participantes das atividades do volteio, se já tinham montado antes de participarem das nossas aulas, se gostavam de cavalos, o que gostariam de fazer sobre e com o animal e por fim pedimos que cada uma fizesse um desenho em que aparecesse o cavalo mais a criança.

Foi a partir dos desenhos e da entrevista, que notamos que o grupo, mais especificamente, os meninos,

novamente, não sabiam, não conseguiam expressar suas vontades, desejos, emoções em relação ao cavalo. Assim se manifestaram algumas crianças:

“ A gente gosta do cavalo, porque já andamo” (Ada.9 anos),

“ Eu nunca vi um cavalo, eu num sei desenha”(Pat.9 anos).

No momento em que lhes propusemos que desenhassem, vimos o quanto os meninos humilhavam as garotas, dizendo-lhes que seus desenhos estavam feios e que deveriam refazê-los.

A baixa-estima, também existia entre os próprios meninos; Dou começou a desenhar e Ada julgou que o desenho do colega estava ridículo, Dou virou a folha e desenhou outro cavalo.

Estas observações foram suficientes para entendermos que a relação comportamental entre eles era a de competitividade, no sentido de um querer mostrar aos outros o quanto sabia desenhar, sendo o melhor diante dos demais.

Comprovamos isto também no Haras. O que eles gostavam e sempre queriam fazer ao chegarem lá, era montar sobre o cavalo, fantasiando um galope sem rumo, em liberdade.

A sensação de sentirem-se homens corajosos, desafiadores, parece ser fruto das suas relações sociais e familiares. Os meninos que têm pai e convivem com este, apresentam comportamentos bastante típicos: são destemidos, comandam, enfrentam os outros e o cavalo.

A questão da marginalidade, da não aceitação no grupo social, é um fator muito presente no âmbito social dessas crianças. Os limites entre as necessidades individuais de ajuste social e as condições para satisfazê-las são pequenos, fortalecendo assim o distanciamento destes indivíduos da sociedade capitalista vigente.

Neste caso, as crianças desse projeto, precisavam provar a si mesmas e a nós também, o quanto elas eram capazes de enfrentar e dominar as situações de movimentos sobre o cavalo, propostas pela instrutora.

Nakamura cita Fernandes (1960), o qual se refere à questão da marginalidade do seguinte modo: “o marginal é um homem que se situa na divisa de duas raças, na margem de duas culturas, sem pertencer a nenhuma delas” (p. 311).

A relação entre ajuste e desajuste social, influi notoriamente na construção das identidades individuais dos sujeitos.

Numa entrevista mais recente (18-03-97), realizada com as crianças participantes das atividades equoterápicas, verificamos que duas delas, Macia, 8 anos e Mac, 9 anos, ambos irmãos, não sabiam, de imediato, responder à pergunta do entrevistador:

“E: Nome completo e sua idade

Macia: (silêncio) nome completo e idade?

E: Seu nome como é?

Macia: Macia”

“E: Seu nome completo e sua idade

Mac: Ichí tia, num sei

E: Como você chama?

Mac: Mac”

Parece-nos que essas crianças têm dificuldades de se reconhecerem como sujeitos e que o desajuste social é um dos fatores que influem nisso. Notamos que as crianças tiveram também dificuldades de responder a outras questões contidas no questionário, como por exemplo:

“ E: É bom fazer essas atividades?

Mac: É

E: Que sensação você tem?

Mac: Não sei.”

Os conflitos entre padrões e valores socialmente estabelecidos e a realidade dos sujeitos, levam à desorganização e ao conflito emocional dos indivíduos, fortalecido pelos estigmas, rótulos, pré-conceitos.

Verificamos, na 1º entrevista, que as crianças estavam eufóricas, destemidas e confiantes em seus atos e ações. Já na 2º entrevista, talvez por estarem mais conscientes do que significavam as atividades com o cavalo, elas foram mais cautelosas, com medo de se expressar.

Ekblad (1995), ressalta que o modo como essas experiências podem afetar as crianças depende, assim, de como elas percebem e reagem perante aos acontecimentos adversos. Esta percepção está associada à faixa etária, que influencia o desenvolvimento do processo de cognição, das emoções e das relações sociais.

Como o nosso trabalho abrangeu crianças entre 6 a 14 anos de idade, estas, segundo Ekblad (1995), são capazes de compreenderem o significado das experiências adversas e lidar com elas, pela fantasia.

As crianças do projeto fantasiavam a sensação de estar “voando” no cavalo. No entanto, elas se sentiam amedrontadas de não conseguir realizar tarefas propostas pela instrutora, quando estas apresentavam certas dificuldades, como soltar as mãos ao galope, ficar em pé sobre o cavalo.

Para a autora citada, os problemas mais comuns nessa faixa etária, são a falta de concentração, a inquietação, os problemas de aprendizagem, ansiedade, queixas psicossomáticas,

agressividade, regressão, depressão e problemas relacionados ao sono.

Estas situações em que pudemos verificar as atitudes dos sujeitos, frente ao cavalo e aos companheiros e diante de si mesmos, precisavam ser modificadas. O montar pelo montar serviu para nos apontar e até mesmo reforçar a inadequação dos comportamentos descritos acima.

Na etapa seguinte do nosso trabalho privilegiamos o montar com fins terapêuticos e educacionais, utilizando o "risco", os desafios, possibilitando às crianças enfrentarem os próprios medo, percebendo que a atividade era atraente, buscando diminuir a frequência dessas reações.

5. O MONTAR COMO ATIVIDADE MOTORA E REFLEXÃO INTELECTUAL

Como descrevemos no capítulo anterior, o montar pelo montar, indica que era fundamental para os sujeitos participantes das aulas e atividades do volteio, o simples ato de cavalgar sobre o cavalo, e provar para todos e para si mesmos o quanto eram capazes de ultrapassar os desafios propostos pela instrutora, devido ao referencial que traziam consigo dos rodeios e dos peões.

Essas atitudes frente às atividades propostas provocavam entre os sujeitos, uma interação baseada na competitividade, agressividade, inaceitação e de ausência de ajuda mútua.

Diante desses comportamentos, buscamos trabalhar e reforçar ainda mais as atividades que envolvessem o trabalho em duplas e/ ou trios, no intuito de propiciarmos aos nossos sujeitos uma relação mais amigável e menos conflitante.

Segundo Rogers (1902), a relação de ajuda é entendida quando: "... pelo menos uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida" (p.43).

Procurávamos formar as duplas, nas quais os sujeitos que delas participariam, não se correspondessem muito, justamente para que neste momento, eles se envolvessem reciprocamente.

Verificamos o aspecto ajuda mútua, no momento em que o cavalo estava na andadura passo e duas crianças tinham de montá-lo. Nestas situações percebemos que uma criança apoiava a outra, para subir no animal. Como eles têm dificuldades

em se sintonizarem com a andadura do animal (passo, trote ou galope), fizemos um esquema que consiste em: a criança que vai subir no cavalo segura com as mãos o cilião, e a outra que vai ajudar, segura a perna esquerda da que vai subir e ambas contam 1, 2, 3, e "já". No "já", a criança que está ajudando, impulsiona a outra e esta pula subindo sobre o cavalo. No entanto, esse esquema não deu certo, pois as crianças não se sintonizam na contagem e só falam o "já", dificultando a subida.

As atitudes de ajuda, de aceitação e compreensão do outro em seus limites, capacidades e individualidade, promoveram nas crianças, a aceitação de si mesmos, como indivíduos capazes e incapazes de realizar algo na vida. Elas fizeram com que essas crianças percebessem que nem tudo elas poderiam fazer, mas que quase tudo era possível de ser realizado quando desejam de fato fazê-lo.

Outro momento relacionado com ajuda e respeito ao outro, foi observado quando uma dupla montada no cavalo, tinham de trocar de lugar nas montarias em movimento. Esta troca exigia da dupla uma cumplicidade para estabelecer, democraticamente, alternativas de mudança de posições sobre o animal. No exato momento da passagem, as crianças se tocavam corporalmente, segurando uma na outra, sentindo o calor humano e do próprio animal (fig.1).

A sensação de poder ajudar e ser ajudado também foi percebida pelas crianças em relação ao cavalo. Este transmitia-lhes confiança, afeto e respeito, durante as atividades. Isto fez com que as crianças começassem a respeitá-lo e senti-lo como participante ativo nas atividades, aceitando-o também.

A questão da aceitação, da compreensão do outro, também nos afetou, como agentes ativos nas sessões, pois sentíamos invadindo um espaço que não nos pertencia e finalmente conseguimos ser aceitos pelo grupo das crianças.

Esta "invasão" permitiu-nos refletir sobre o que estávamos tentando fazer, enquanto instrutores, e o que esperávamos como resultado destas experiências, como verificamos na fala de uma das crianças entrevistadas:

“ A tia é muito legal, mas de vez em quando fica brava quando a gente não tá prestando atenção no que tá fazendo. Presto atenção na hora, não quero deixa de vim aqui. Quero aprender a andar e fazer todos os exercícios” (Jun, 7 anos).

“ Lá na roça, quando era hora do almoço, eu levava a marmitta pro meu pai com o cavalo” (Isa, 10 anos).

Conforme Rogers (1902), “as diferenças que separam os indivíduos, o direito que cada pessoa tem de utilizar a sua experiência da maneira que lhe é própria e de descobrir seu significado, tudo isto representa as potencialidades mais preciosas da vida” (p.32-33).

Nesta etapa do nosso trabalho, além das atividades propiciarem um contato físico e emocional entre os sujeitos, pretendíamos ir além.

Buscamos, então, alternativas concretas, nas quais os sujeitos pudessem estar refletindo sobre suas próprias ações e vivências, durante as atividades do volteio, complementando os seus fins educativos e ampliando os seus efeitos sobre o desenvolvimento das crianças.

Desta forma, propusemos às crianças que, após as sessões com o cavalo, fizessem representações simbólicas e descrições orais, referentes às vivências com os animais e o grupo participante.

Tanto os desenhos quanto as descrições orais das referidas vivências, possibilitariam aos sujeitos a elaboração

das idéias, a organização temporal das experiências vividas, a expressão de sentimentos e a construção de conhecimentos.

Por meio dos desenhos, os sujeitos tentavam representar as atividades sobre o cavalo do modo mais realístico possível para cada um deles.

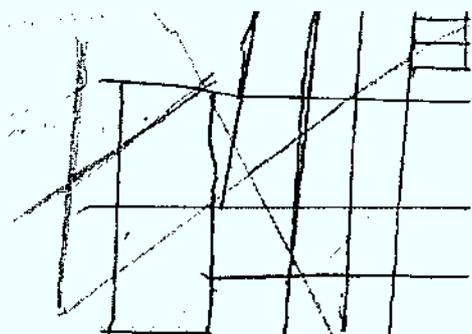
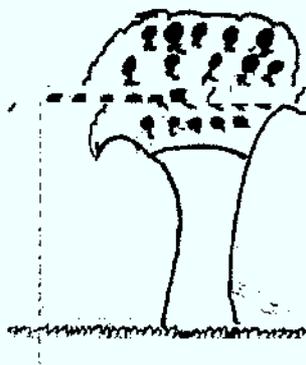
Este era o momento no qual as crianças expressi suas sensações, desejos, emoções e fantasias, de forma lúdica e ao mesmo tempo reflexiva.

O desenho é uma forma de texto, passível de leitura. A interpretação dos desenhos pelas crianças é muito rica em aprendizagem e conhecimentos, pois permite à elas refletir constantemente (caso lhes dermos este espaço) sobre o que aconteceu durante a sessão equoterápica, verificando se o que desenharam está coerente ou não, com a atividade realizada no cavalo.

No início desta proposta de representação e vivências, os sujeitos desenhavam o que mais lhes atraía no Haras, como por exemplo: as cocheiras, o lago, os bois, as árvores. Eles não ilustravam as atividades realizadas com o cavalo.



Tronco de uma árvore



Perguntávamos, então, a eles se o que tinham desenhado realmente fazia parte das atividades, tentando fazer com que eles percebessem que eram suas ações sobre o animal que estavam sendo solicitadas nos desenhos.

De toda maneira, as ilustrações permitiam a exploração dos aspectos relacionados com a ordenação das ações e com a coerência dos desenhos.

O fato de poderem retratar a realidade, por meio dos desenhos, permitia às crianças um maior domínio da linguagem oral, pois nos desenhos elas reconstituíam a seqüência dos acontecimentos, o mais fiel possível.

Percebemos que ao descreverem os fatos e ações realizadas, as crianças se aproximavam mais da real seqüência dos mesmos, do que nos desenhos. Estes, apesar de bem organizados no papel, não mostravam todas as modalidades de atividades realizadas pelos sujeitos (ficar de joelho, moinho, standarte, ficar em pé, etc.), no cavalo.

Verificamos, contudo, que na maioria dos desenhos, os sujeitos transformavam a fantasia em realidade; ou seja, mesmo não sendo conseguido fazer uma das figuras dos exercícios do volteio, em especial o galope e o ficar em pé sobre o cavalo, eles as desenhavam.

Resolvemos, então, para que as crianças não se distanciassem tanto do real, construir uma história em quadrinhos, em que todas as crianças deveriam participar, desenhando, de modo sequenciado, as atividades realizadas durante às sessões equoterápicas (figs. 2, 3, 4, 5 e 6).

Devemos deixar claro que, a seqüência das atividades não é necessariamente a mesma para todas as crianças, sendo assim, damos ênfase aos desenhos que referem-se às atividades de cada criança.

É esta seqüência de atividades que pretendíamos resgatar por meio dos desenhos e descrições orais.

Podemos dizer que, a partir deste momento, ou seja, do constante ir e vir sobre os desenhos, refletindo se o que ilustravam era o que realmente conseguiam realizar com o cavalo, é que os sujeitos foram formando consciência de suas ações.

Segundo Piaget, as razões funcionais que desencadeiam a tomada de consciência são as inaptações e o próprio processo assimilador. Quando o sujeito revê as causas de

uma ação fracassada, em que houve falha da adaptação do esquema de assimilação ao objeto, ou quando aquele propõe novos objetivos às ações, sem que haja ocorrido qualquer inadaptação, ocorre a tomada de consciência.

A reconstituição das ações possibilita ao sujeito organizar a seqüência dos acontecimentos ocorridos numa dada situação.

Para que os nossos sujeitos tomassem consciência de uma situação, era necessário um esforço considerável. É difícil para eles a reconstituição do vivido no plano simbólico, em que se busca uma aproximação o mais fiel possível do real; ou seja, reconstruir no plano das representações o que foi vivido no plano das ações.

Para Piaget, tomar consciência significa transformar um esquema em conceito e coordenar as idéias explicitamente.

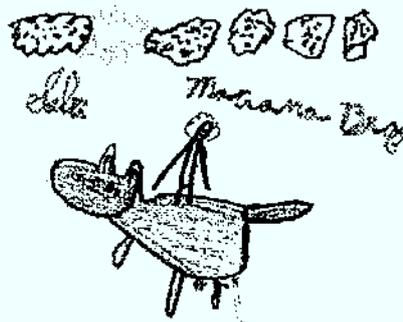
Essa transformação implica na projeção do vivido no plano do pensamento e coordenação das ações refletidas por um mecanismo denominado abstração reflexiva.

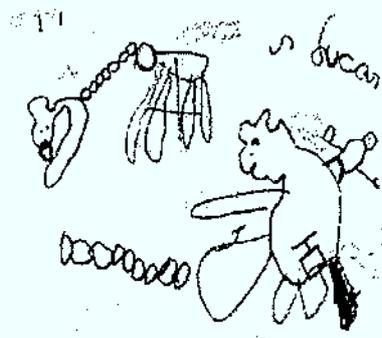
As abstrações reflexivas, portanto, permitem a compreensão do vivido e criam novidades. Estas novidades ampliam o campo da consciência do sujeito, enriquecendo as suas conceituações.

Além dos desenhos aleatórios e da história em quadrinhos sobre o vivido no volteio, as crianças representaram as modalidades que mais gostavam de realizar sobre o cavalo. Notamos que, o soltar as mãos do cilião quando o cavalo galopava, foi a modalidade mais ilustrada por elas.



ADA sobre o cavalo no galope, com uma mão solta do silião





Um outro ponto importante que ressaltamos também, foi a descrição oral.

Enquanto as crianças desenhavam, perguntávamos a cada uma delas o que estavam fazendo e gravávamos o que elas diziam, como por exemplo:

“E: Ada, você tá desenhando o quê?

Ada: O cavalo, o cavalo e eu

E: E esse cavalo seu tá ao passo, ao trote ou ao galope?

Ada: Trote

E: E o que você fez no trote?

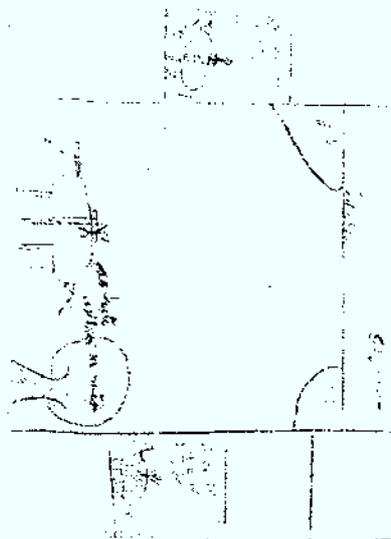
Ada: Soltei as mão

E: Como você tá fazendo agora o seu cavalo, Ada?

Ada: Eu de joelho em cima do cavalo e o cavalo tá no trote

E: Tá no trote ou tá no passo?

Ada: Tá no passo.”



Esta forma de trabalhar com a representação, possibilitava às crianças atingirem formas mais evoluídas de abstração e a tomada de consciência do que fizeram durante as sessões equoterápicas. Era, pois, uma maneira de apoiá-las na hora de reconstituírem as vivências.

No momento em que a criança começava a nos contar o que tinha realizado sobre o cavalo, partindo ou não do que estava desenhando, ela reconstituía suas ações, comparava-as, por meio das abstrações reflexivas de 1º potência; ou seja, fazia relações sobre o acontecido.

Essas atividades propiciaram aos sujeitos participantes das sessões equoterápicas, uma relação mais significativa entre as experiências vivenciadas com o cavalo e com o grupo, e a realidade na qual vivem.

Segundo Rogers, quando a criança necessita do saber para entender o significado das coisas, ela trabalha com a aprendizagem experiencial, na qual a criança descobre algo que, para ela, tem significado, de um modo que envolve, ao mesmo tempo, o seu pensar e o seu sentir.

Sendo assim, o Volteio como atividade prazerosa, possibilitou às crianças fazerem algo arriscado, motivadas pelo papel do peão, substituindo esta motivação extrínseca pelo fazer e prazer do ato em si.

Desta forma, as crianças começam a perceber e distinguir o que pode ou não ser realizado, os seus limites, o que é bom ou não para elas e para o grupo no qual pertence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pode ser considerado como precursor da contribuição pedagógica para o processo equoterápico, podendo prosseguir no intuito de possibilitar aos sujeitos que dele participaram e de outros que virão, uma transformação cada vez mais propícia e considerável para o desenvolvimento físico, intelectual e emocional dos mesmos.

Por outro lado, segundo a psicóloga Carolina R. Pelá (1997), que colaborou neste projeto com sua análise das representações gráficas de nossos sujeitos, ***“o desenho é a maneira concreta que a criança encontra de expressar sua realidade. Para tal faz uso de vocabulário, usando como recurso simbólicos, possibilitando assim externar sua realidade intra-psíquica.***

Na relação da criança com o meio ambiente, onde é possível vivenciar e experimentar novas informações, passível de representação, o desenho passa ser a sintaxe destes elementos.

Existe uma evolução da representação gráfica, que é comum a todas as crianças, sendo avaliada a relação entre idade, maturação e bom desenvolvimento das funções neuro-psicológicas. No entanto, o significado atribuído pela criança é distinto, pois ela estará expressando de maneira sintética memória, emoções, vivências, sendo esta produção material rica para pesquisa e para o entendimento deste sujeito.

O desenho é usado pelos profissionais de psicologia como recurso psicodiagnóstico, procurando verificar algumas informações como: cores, compulsividade,

pressão do traço, tamanho da figura, adequação ou omissão de detalhamento da figura”.

Constatamos, por meio desta proposta de trabalho, que os sujeitos apresentaram-se nas primeiras sessões de volteio, de forma um tanto quanto passiva em relação às atividades realizadas com o cavalo.

As crianças tinham, inicialmente, muitas dificuldades em exprimir o que pensavam, desejavam e sentiam, diante do grupo, do cavalo e das atividades realizadas.

É claro que não podemos perder de vista o contexto histórico, social, cultural e econômico dessas crianças. O ambiente em que vivem e o seu cotidiano familiar é pobre em estímulos e instável, prejudicando assim, desenvolvimento cognitivo e emocional de todas elas.

No entanto, estes fatores não justificam a discriminação e as pré-concepções pelas quais a sociedade julga essas pessoas, considerando-as como os “desviantes”.

O “desviante” é aquele que não está integrado, que não está adaptado, que não se apresenta física ou intelectualmente como “normal”; trata-se de pessoas à parte das normas sociais. Deste modo, o que mede o desvio ou a diferença social dessas pessoas são os parâmetros estabelecidos pela organização sócio-cultural.

Precisamos dar oportunidades a esses sujeitos, para que coloquem em ação suas capacidades e potencialidades, antes de estigmatizá-los.

Poderíamos considerar nossas crianças como ineficientes e incapazes de construir e produzir algo, sem mesmo darmos a elas a chance de estarem participando das sessões equoterápicas, mostrando-nos seus limites e capacidades, do ponto de vista intelectual, emocional e cultural.

Foi no decorrer das sessões, com a produção das representações gráficas e descrições orais desses sujeitos que

verificamos que eles trabalham nos seus diferentes ritmos, mostrando-nos pelo que faziam e falavam, o quanto estavam progredindo com relação aos aspectos enfatizados no projeto: aceitação de si e do outro, socialização, ajuda mútua, e em especial, a expressão de suas vontades, desejos, fantasias, frente às atividades equoterápicas, o que não ocorria no início de nossas intervenções.

Podemos dizer que houve um avanço considerável nestes pontos, no entanto, para alcançarmos melhores progressos, precisaríamos de um tempo maior de convívio e de aplicação das atividades, enfim de um período maior de trabalho com esses sujeitos.

Pensamos que um trabalho de maior duração seria essencial para as crianças progredirem mais do que conseguiram chegar.

Um dos aspectos mais relevantes deste trabalho foi a relação de ajuda que, juntos, conseguimos estabelecer no grupo. Por meio desta relação de ajuda que, as crianças se entrosaram e aceitaram umas as outras.

Para Martin Buber, citado por Rogers (1957):

“Confirmar significa(...) aceitar todas as potencialidades do outro(...). Eu posso reconhecer nele, conhecer nele a pessoa em que ele se tornaria por sua criação(...). Confirmo-o em mim mesmo e nele em seguida, em relação a essas potencialidades(...) em que agora se podem desenvolver e evoluir” (1957-p.35).

Se aceitamos a outra pessoa como alguém que é definida, diagnosticada e classificada, já cristalizada pelo seu passado, estamos contribuindo para confirmar a hipótese limitada. Se a aceitamos como alguém em processo de transformação, o que fazemos pode confirmar ou tornar real as suas potencialidades.

Cada pessoa é realmente capaz de controlar a si mesma e está incorrigivelmente socializada nos seus desejos e,

assim, aceita cada vez mais, pronta para enfrentar as suas próprias contradições e incongruências na experiência vivida.

A experiência possibilita à pessoa modificar algo que já existiu, passou, vivenciou em sua vida; e utilizá-la em outros aspectos, na abertura de novos caminhos.

A maior barreira à comunicação interpessoal é a nossa tendência muito natural para julgar, para avaliar, para aprovar ou desaprovar as afirmações de outra pessoa ou de outro grupo, a partir do nosso ponto de vista, do nosso quadro de referências.

É neste sentido que as oportunidades que demos aos nossos sujeitos de representar graficamente e de descrever oralmente as suas vivências com o cavalo e com o grupo, propiciou a todos eles a reflexão e a organização de suas idéias, auxiliando-os na construção da expressão verbal e escrita.

Isto nos mostra que, devemos repensar a imagem que elaboramos das pessoas, uma imagem dominante, que incide arbitrariamente sobre interpretações subjetivas e caricativas. Cabe a todos nós, reavaliarmos esta imagem, analisando a sua origem e articulação com a organização sócio-cultural em que vivemos, para que os indivíduos possam progredir.

Os nossos sujeitos progrediram, evoluíram, porque nós os aceitamos e lhes demos a oportunidade de se expressarem livremente e de valorizarem suas experiências e a de seus colegas. Foi, portanto, a confirmação de suas potencialidades na realização de atividades como o volteio, no caso, que propiciamos a estas crianças conhecerem a si mesmas e às outras - caminho aberto para que sejam cada vez mais conscientes do que são capazes de ser, de construir, de crescer por seus próprios meios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, L.R. e outros. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

BUBER, M. e ROGERS, C. Transcrição de um diálogo mantido em 18 de abril de 1957, em Ann Arbor, Michigan : manuscrito inédito. Em: *Tornar-se pessoa*. 2.ed. São Paulo : Martins Fontes, 1975.

CAMPOS, D. M. S. *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. São Paulo: Vozes, 1993.

EKBLAD, S. Helping children cope with urban environment stresses in developing countries. Em: Harpham, T. & Blue, I. (ed). *Urbanization and mental health in developing countries*. England, Avebury, 1995.

ENKIN, F. *A criança e a sociedade: o processo de socialização*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968.

FERNANDES, F. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

GOFFMAN, E. Estigma e identidade social. Em: *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- JANNUZZI, Gilberta. Considerações sobre a terminologia. Em: *A luta pela educação do deficiente mental no Brasil*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.
- LAKATOS, E.M. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- LÜDKE, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MANTOAN, M.T.E. O processo de conhecimento - Tipos de abstração e tomada de consciência. (mimeo.) Faculdade de Educação. Departamento de Metodologia de Ensino - Unicamp.
- MEIEDIEN, F. *O desenho infantil*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- NAKAMURA, E. Algumas considerações antropológicas sobre o processo de urbanização e suas consequências sobre a saúde mental das crianças - Mestre em antropologia social pela USP. Em: *Infante - Revista neuropsíquica da infância e adolescência*. 4(1): 52-56, 1996.
- NOT, L. *Educação dos deficientes mentais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- OMOTE, S. A deficiência como fenômeno socialmente construído. (mimeo.) Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Marília.
- RIBAS, J. B. *O que são pessoas deficientes?* 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROGERS, C. R. *Liberdade para aprender*. 2.ed. Minas Geraris: Professor, 1969.

_____. *Tornar-se pessoa*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

WELLER, M.J. Estudo com crianças carentes em equitação e volteio: Proposta educacional e terapêutica. Programa de mestrado da Faculdade de educação física. (mimeo) - Unicamp, 1996.

ANEXOS

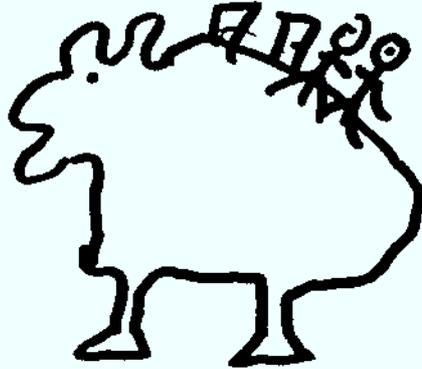
Figura 1

4^a folia

7/10/96

JUH

PARIS



0/09/96

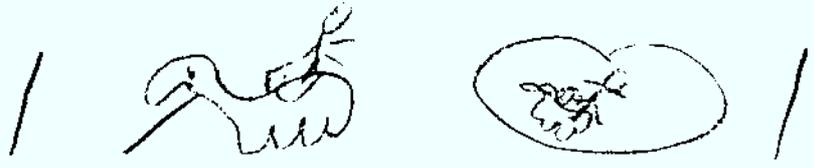
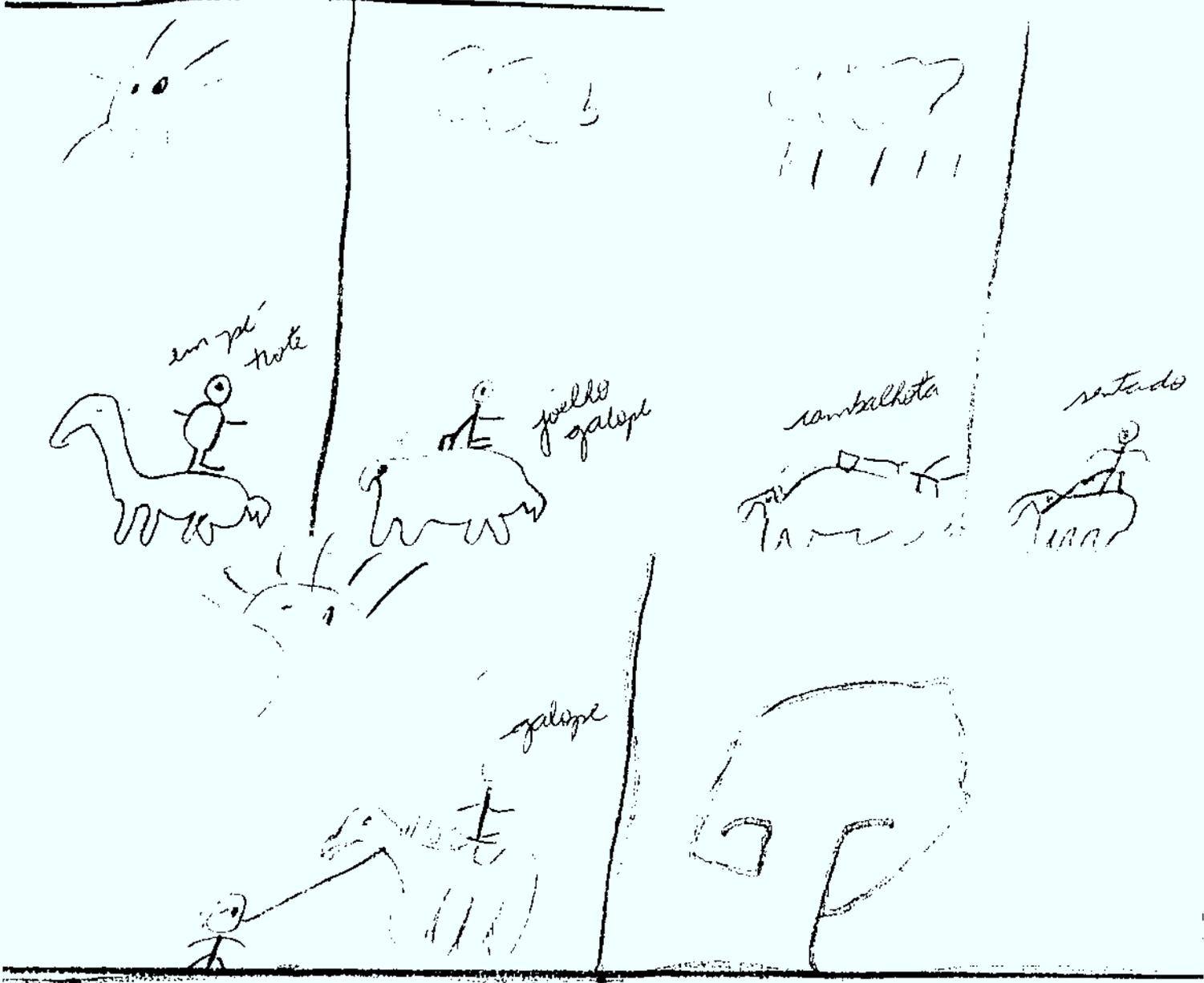
Figura 2

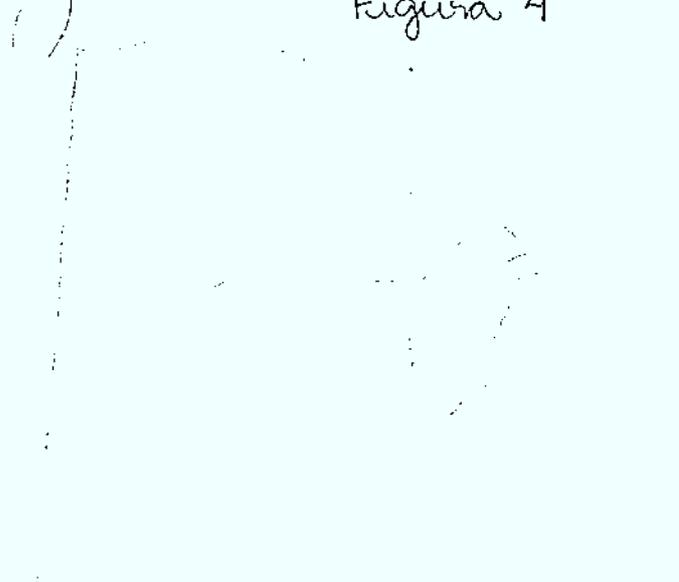
DATA

9.9.96



Cavalos





100 - 5 - 0 - 1 - 1

estudo de

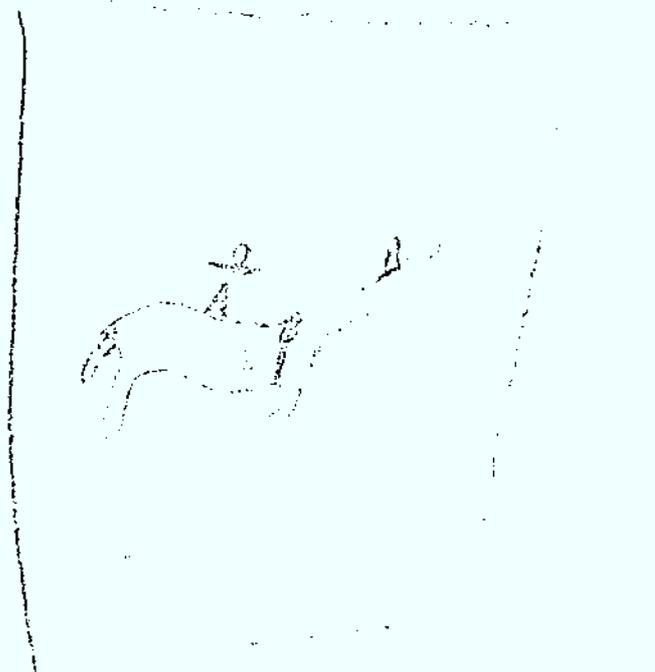


figura em B

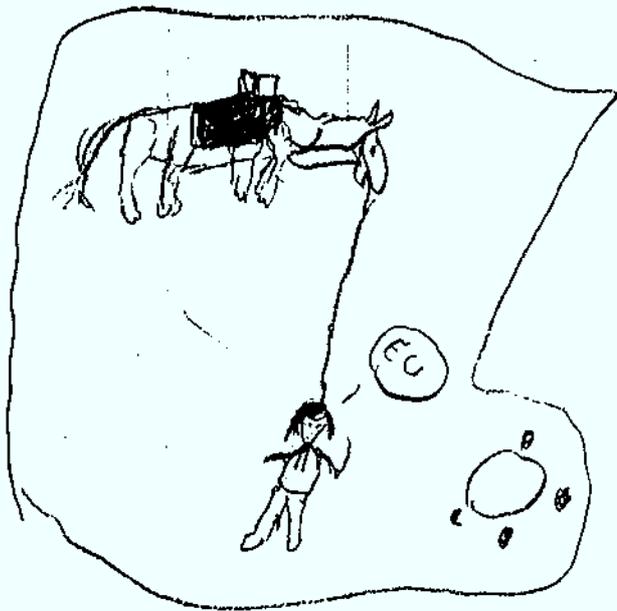
Thomson



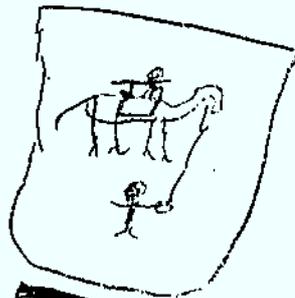
100 - 5 - 0 - 1 - 1
 estudo de

L3AC

Figura 6



hora do almoço



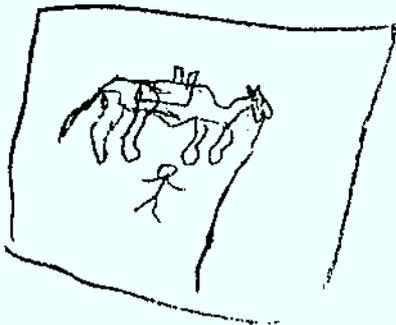
Está danado



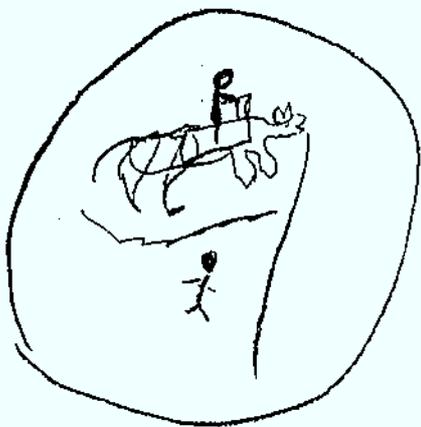
Mãe dele



Ele é



hora do almoço



hora do almoço